

napoleônico, forçando a uma interrupção dos contactos com os britânicos, correspondeu a um retardo na industrialização, já bastante desfavorecida pelas condições anteriores ao estabelecimento do *Zollverein*. Os pioneiros, entretanto, não desanimaram, a começar por F. Harkort, com suas “oficinas mecânicas” instaladas em 1818, F. Haniel e os irmãos Franz e Johann Dinnendahl.

Franz Dinnendahl contribuiu amplamente para a introdução do maquinário a vapor no Ruhr, bem como para a própria construção de máquinas, cabendo a Johann, na mesma região, importantes inovações relativas aos processos metalúrgicos já praticados na Grã-Bretanha. Dos dois, Franz foi a personalidade que se tornou mais conhecida, sendo, inclusive, cantado em duas poesias reproduzidas no volume. Deixou, ainda, uma autobiografia e numerosa documentação sobre sua vida e atividades. Em pleno domínio francês, em 1807, instalara-se em Essen, travando conhecimento com a família Krupp, de cujos filhos foi uma espécie de preceptor. Em 1819, passou a conselheiro municipal, já na fase em que outros entusiastas da industrialização, como Jacobi, Huysen e Haniel lhe faziam séria concorrência, pondo-o em dificuldades financeiras que não cessaram até sua morte, em agosto de 1826.

Os documentos apresentados assim se classificam: A). — Fontes para a biografia de Franz Dinnendahl; B). — Fontes para suas atividades. Como apêndice, documentos relativos ao seu legado e herdeiros, bem como esclarecimentos (inclusive de vocabulário especializado) para a compreensão dos documentos.

*PEDRO MOACIR CAMPOS*

\* \*  
\*

CESAR (Guilhermino). — *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul: 1605-1801*.  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1969. 231 p.

Estão reunidos no volume 23 documentos (relatos, cargas e informações de viajantes, missionários, titulares de cargos administrativos, soldados e aventureiros) que esclarecem aspectos fundamentais com respeito à formação histórica da comunidade gaúcha. O autor deu preferência aos informantes capazes de sugerir aos curiosos de hoje nova ordem de indagações, tendentes a completar o que se omitiu ou chegou até nós incompleto ou desfigurado. A data dos documentos medeia entre 1605, “momento em que a ação missionária da Companhia de Jesus, partindo da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, alcançou o silvícola das imediações do Rio Mampituba, até 1801, ano em que os rio-grandenses incorporaram as Missões Orientais do Uruguai ao território brasileiro. Nesse período, de quase dois séculos, tomou o Rio Grande a sua feição territorial definitiva, salvo retificações posteriores da linha fronteiriça, sem maior importância no conjunto”.

Os textos transcritos, sempre acompanhados de elucidativo introito, estão distribuídos por quatro partes: I — O indígena e a catequese, II — Tentativas de povoamento, III — A fundação do Rio Grande de São Pedro, IV — De “terra de ninguém” a “terra dos muitos”.

Na primeira parte o leitor vai encontrar descrições gerais dos costumes dos indígenas da região (Carijós, Arachãs, etc.) e informações sobre as normas próprias da catequese jesuítica, fornecendo também subsídios para a localização de grupos silvícolas desaparecidos.

Em “Tentativas de povoamento” (p. 45-92), como bem pondera o compilador, os diversos documentos coevos permitem inferir que a descida para o sul obedeceu economicamente aos seguintes atrativos: exploração da courama nas vacarias do Pinhal e do Mar; contrabando da prata do Potosí, por intermédio da Colônia do Sacramento; comércio com Buenos Aires; resgate de índios; exploração aurífera e expansão dos latifúndios. Ai pode-se deparar com uma série de documentos onde as descrições da terra a ser conquistada em definitivo é o tema mais focalizado: carta do rio São Francisco, Vila de Nossa Senhora da Graça, até o rio de Martim Afonso de Souza (p. 51-54); como viajar por terra, da Colônia ao Sacramento Laguna (p. 55-60), de autoria de Domingos da Filgueira, de 1703; a colônia do Sacramento e Rio Grande (p. 61-69), onde o autor, Francisco Ribeiro, dá realce ao papel importante representado pelos “presídios” para consolidação da posse do “continente do Rio Grande”; “notícias práticas da costa e povoações do mar do sul” (p. 75-85) de Manuel Gonçalves de Aguiar, etc.

Dois documentos compem a terceira parte: preparativos para receber a expedição Silva Pais (correspondência do contratador de couros Cristovão Pereira de Abreu dirigida ao general Gomes Freire de Andrade) e trecho do estudo de Simão Pereira de Sá, até hoje quase totalmente inédito, “História Topográfica e Bélica da Nova Colônia do Sacramento”, relatando as lutas dos fundadores do Rio Grande com os índios tapes, que muito hostilizaram os primeiros expedicionários chegados à província sulina.

A última parte (p. 109-205) é a mais alentada. Ali estão, entre outros, as “Notícias do Rio Grande”, do Brigadeiro José da Silva Pais, fundador da fortaleza de Jesus-Maria-José, núcleo inicial da atual cidade do Rio Grande, os relatos sobre catequese e aldeamentos dos índios minuanos, as descrições dos usos e costumes rio-grandenses feitas pelo cirurgião-mor Francisco Ferreira de Souza, por Domingos Alves Moniz e Francisco João Roscio, este último autor do “Compêndio Noticioso do Continente do Rio Grande de São Pedro até o distrito do Governho de Santa Catarina”.

Ao final o leitor depara com o relato de Gabriel Ribeiro de Almeida sobre a Tomada dos Sete Povos das Missões, que resultou na eliminação de uma área de atrito entre portugueses e espanhóis.

Como fecho do volume o compilador organizou um útil índice onomástico e toponímico.